

## **A morte no Jornal Nacional: o olhar de jornalistas sobre a apresentação do Caso Bernardo**

### *Death on Jornal Nacional: the journalists look over the presentation of the Bernardo Case*

Natália Sheikha REDÜ<sup>1</sup>  
Michele NEGRINI<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo verificar como um determinado grupo recebe a morte e as notícias sobre o Caso Bernardo veiculadas no Jornal Nacional. A análise foi feita por meio de um estudo de recepção com cinco jornalistas. A pesquisa ocorreu através da aplicação de um questionário semiestruturado e de um grupo de discussão entre os participantes sobre a temática. Buscamos, também, entender se a forma como as notícias mostradas foram elaboradas pode incutir no telespectador a ideia de que suspeitos já são, de fato, culpados pelo crime. Realizamos esta pesquisa a partir da orientação teórico-metodológica dos Estudos Latino-Americanos, com foco na linha adotada por Martín-Barbero (2013).

**Palavras-chave:** Morte. Recepção Midiática. Caso Bernardo. Jornal Nacional.

#### **Abstract**

This article has as main objective analyze how a determined group perceives the death and the news about Bernardo's case shown on Jornal Nacional. For the analysis, it was used a reception study with five journalists. The research occurred through the application of a questionnaire semi-structured and by a discussion group between the participants about the theme. We also searched to understand if the form that the news were put together and shown influence the television viewer the idea that the suspects are already, in fact, guilty. We realized this research based on the Latin-American theoretical and methodological orientation on Cultural Studies, focusing on the line adopted by Martín-Barbero (2013).

**Keywords:** Death. Media Reception. Bernardo's Case. Jornal Nacional.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo e em Direito pela Universidade Federal de Pelotas. Email: nataliaredu@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Pelotas. Email: mmnegrini@yahoo.com.br

## Introdução

O presente trabalho aborda a temática da morte na televisão. O objetivo é realizar um estudo de recepção de reportagens sobre o caso Bernardo veiculadas pelo Jornal Nacional. Neste artigo, vamos focar na recepção de cinco jornalistas à apresentação do Caso Bernardo no JN. É de se esclarecer, todavia, que este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla, que envolveu cinco advogados e cinco jornalistas.

Quanto ao número pequeno de entrevistados, importante mencionar a lição de Orozco-Gómes. De acordo com o pesquisador (1997), basta que as pesquisas sejam realizadas com um número entre 10 a 20 participantes. Isso porque o aumento no número de pesquisados vai gerar uma diferença insignificante no resultado geral, já que as respostas aos questionamentos tendem a se repetir.

O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional a partir do Rio de Janeiro. Rapidamente atingiu grandes índices de audiência, sendo reconhecido como o noticiário brasileiro mais importante. É um noticiário de vanguarda: foi o primeiro telejornal em que houve entrada ao vivo de repórter; foi o primeiro noticiário a ancorar a cobertura de Copa do Mundo ao vivo do país-sede; foi pioneiro em promover entrevistas com candidatos à Presidência da República ao vivo, na própria bancada.

Transmitido ao vivo desde a primeira edição, é o jornal de maior audiência do Brasil<sup>3</sup>. No ar há 46 anos, é considerado um veículo de extrema credibilidade pela população, fazendo parte da vida de milhões de brasileiros. É um noticiário que veicula diferentes temáticas, fazendo com que os assuntos abordados sejam debatidos em âmbito nacional, promovendo a integração das diversas regiões brasileiras. É, assim, um dos meios de comunicação que as pessoas utilizam para saber detalhes e esclarecer suas dúvidas a respeito dos assuntos do cotidiano social, do mundo que os cerca, daquilo que pode interferir na sua vida.

---

<sup>3</sup> Fonte: IBOPE, disponível em: < <https://www.kantaribopemedia.com/search/jornal+nacional/>>, acesso em 19/12/2015.

Consabido é que os veículos de comunicação devem buscar a imparcialidade, sempre mostrando todos os ângulos de determinada situação. No entanto, nem sempre as notícias são reportadas desta forma. A escolha das palavras, o tom de voz pode ter influência determinante na forma como o fato noticioso é recepcionado pelo telespectador. Dentre os temas polêmicos, que podem ser retratados de forma inadequada, está a morte.

A morte é um assunto que sempre proporciona grande audiência. E uma das razões para tanto está no fato de o homem ter consciência da finitude humana.

No entanto, não é toda e qualquer morte que traz todas essas reflexões e tem espaço no telejornal. Em regra, tais análises surgem das mortes inesperadas, violentas, pouco prováveis ou que envolvem pessoas importantes/famosas. Um exemplo de morte inesperada e violenta é a do garoto Bernardo, ocorrida em 04 de abril de 2014.

Assim, com base nas notícias veiculadas no JN a respeito da morte do menor Bernardo Boldrini, este trabalho tem visa analisar a forma como um grupo de jornalistas recepciona a morte no seu cotidiano, bem como verificar como este grupo entende as características da morte enfatizadas na cobertura do noticioso ao Caso Bernardo.

As primeiras notícias sobre o Caso Bernardo davam conta de uma situação de desaparecimento do menor. Porém, com o andamento das investigações, verificou-se situação de morte violenta, cujos principais suspeitos eram o pai e a madrasta do garoto. A partir de então, o caso atingiu âmbito nacional.

## **Jornal Nacional e a Cobertura do Caso Bernardo**

O *corpus* do presente trabalho é composto por duas notícias sobre o Caso Bernardo veiculadas pelo Jornal Nacional. Porém, antes de adentrar na análise da recepção dos jornalistas sobre o noticioso, bem como das reportagens selecionadas, é importante tecer algumas considerações a respeito do JN:

A TV Globo lançou o primeiro programa em rede nacional: às 19h56 do dia 1º de setembro de 1969 entra no ar o Jornal Nacional, feito no Rio e transmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede, mostrando imagens de várias cidades brasileiras que haviam sido geradas para a sede no Rio de Janeiro, via satélite. (PATERNOSTRO, 1999, p. 31-32).

O responsável por isto foi o jornalista Armando Nogueira, que então passou a ocupar o cargo de diretor de jornalismo (MEMÓRIA GLOBO, 2004). A estreia do informativo foi um marco na história da emissora, da televisão e do telejornalismo. Isso porque “(...) inaugurou a *era do telejornal em rede nacional*, até aquela época, inédito no país, e consolidou um formato fixo, apostando na agilidade da notícia curta, o que mudou o cenário telejornalístico brasileiro” (MAIA, 2011, p. 05).

O noticioso, que é o “programa mais antigo em exibição na televisão brasileira” (GOMES, 2010, p. 05), diante de todo investimento feito, conquistou audiência, respeito e credibilidade perante os espectadores. E, dentre os informativos da rede Globo, o de maior relevância entre a população é justamente o Jornal Nacional. Corroborar com esta ideia a afirmação de Maia (2007, p. 23) de que “(...) o Jornal Nacional ainda é um dos programas mais assistidos da televisão brasileira, segundo o Ibope”.

Como salienta Iluska Coutinho (2008, p. 01), “(...) o telejornal mantém sua centralidade enquanto produto midiático responsável pela obtenção de informação de significativa parcela de nossa população (...)”, eis que, o Jornal Nacional, muitas vezes, é o único informativo que as pessoas assistem. Por isso, a escolha do referido informativo para a abordagem do Caso Bernardo nesta pesquisa.

O Caso Bernardo começou a ganhar as manchetes locais em abril de 2014. A população da cidade de Três Passos<sup>4</sup>, no Rio Grande do Sul, estava na busca pelo garoto Bernardo Boldrini, dado como desaparecido. A polícia havia sido acionada e estava investigando, sem descartar qualquer hipótese para o sumiço.

Em 14 de abril o mistério começa a ser esclarecido: o corpo do menor é encontrado em uma cova rasa na cidade de Frederico Westphalen-RS, que fica a 80 km de distância de Três Passos. Na sequência, a Delegada responsável pelo caso decreta a prisão dos suspeitos: o pai do menino, Leandro Boldrini; a madrasta, Graciele Ugulini e sua amiga, Edelvânia Wirganovicz. A partir de então, vem à tona uma série de informações a respeito da dinâmica familiar dos envolvidos.

(...) Bernardo era filho de um respeitado médico da cidade [Três Passos] e, ao mesmo tempo, era de conhecimento dos cidadãos residentes naquele município que o pai e a madrasta (que após as

---

<sup>4</sup> Distante, aproximadamente, 470 km de Porto Alegre, capital do Estado.

investigações foram acusados do crime de assassinato e ocultação de cadáver) não tinham bom relacionamento com o infante. Além disso, já havia registros na promotoria da infância e juventude local de abandono familiar e manifestações de vontade de Bernardo em ser adotado por outra família. (REDÚ; NEGRINI, 2015, p. 01 e 02).

Diante da brutalidade de tal fato, da perspectiva de rejeição de uma criança por quem deveria protegê-la e de possíveis falhas no sistema de proteção à criança e à juventude, as notícias sobre o caso atingem âmbito nacional. E, assim, o fato foi objeto de várias reportagens no Jornal Nacional.

A cobertura no informativo televisivo noturno foi intensa. Entre abril de 2014 até abril de 2015, o Jornal Nacional veiculou 18 reportagens sobre o acompanhamento do fato. Dentre essas, selecionamos duas para ancorar o presente estudo de recepção, as quais detalharemos adiante.

## **A Morte na TV**

A morte está perdendo espaço no cotidiano das sociedades ocidentais urbanas da atualidade, os rituais e o luto são cada vez mais reduzidos (ARIÈS, 2003). No entanto, quando se trata daquelas mortes veiculadas na imprensa, a situação é bem diferente. Como aponta Rodrigues (1983, p. 229),

Não obstante nossa argumentação, tudo o que estamos dizendo poderia ser aparentemente contestado se ligássemos um aparelho de televisão. Este simples gesto poderia, à primeira vista, demolir todas as acusações de ocultação e negação da morte, dirigidas contra nossa cultura. Um gesto tão simples, que talvez tenha esta função de demolição como um dos seus deveres ocultos: como afirmar que existe todo um esforço social para escondê-la, como sustentar que só pode ser descrita através de eufemismos, como declarar que a educação das nossas crianças ignora a realidade da morte, como dizer que nossa sociedade quer expulsá-la, se os nossos jornais relatam e dissecam dezenas de mortes diariamente, se ela exerce fascínio e é ambicionada mercadoria jornalística [...].

E há justificativa para essa forma diferente de divulgação da morte pela mídia. Basta analisar o contexto das produções jornalísticas, em especial considerando-se os valores-notícia. Nesse diapasão se insere a doutrina de Erbolato (2008), o qual ensina que o jornalista, ao selecionar um fato para transformar em notícia, se utiliza de alguns

elementos, como: proeminência, proximidade, raridade, humor, expectativa, etc. No caso objeto deste estudo, é possível observar a presença dos elementos: proeminência dos envolvidos (o pai do menor, suspeito do crime, é médico conhecido e respeitado na cidade de Três Passos e oriundo de família abastada), raridade (é situação incomum ver um pai e uma madrasta querer se livrar do filho), expectativa (há anseio em esclarecer os fatos e busca por justiça social).

Soma-se a tais argumentos à globalização e o fortalecimento do capitalismo, criando uma sociedade regida pelo consumo. Aqui, ainda cumpre destacar a ideia de Guy Debord (1997) a respeito do que chamou de “Sociedade do Espetáculo”. De acordo com tal teoria, o mais importante é que a notícia seja vendida, gerando lucros, ainda que para isso se faça manipulações ou se espetacularize os fatos. Há, portanto, perda da qualidade da notícia em detrimento da necessidade de lucro.

Não é à toa que Lisita (2009) aduz que, no telejornalismo atual, as notícias envolvendo morte são desprovidas de reflexão profunda e baseadas em prejulgamentos, não em provas concretas. Nas mortes imediatizadas, tudo o que é criticado na “morte cotidiana”<sup>5</sup> é aceito: é permitido um longo ritual de despedida do falecido, fatos que remetem à memória do morto são relembrados exaustivamente, o excesso de drama e a exploração das emoções são bem-vindos nas coberturas noticiosas. Como observa Barbosa (2004, p. 02 e 03), nas reportagens televisas, “o que importa é o cortejo, as cenas de despedida, com lenços brancos sendo acenados, o choro convulsivo, o olhar de tristeza e a caminhada. (...) é necessário dar a morte caráter dramático e excessivo”.

Outro viés a ser destacado é que a morte apresentada pela mídia se constitui em um modo de enfrentar a finitude humana com certo distanciamento. Isso porque o infortúnio, na maioria das vezes, ocorre com pessoa fora do seu convívio diário e, assim, “(...) o homem passa a se ocupar cada vez mais com a morte do outro, esquecendo-se da sua própria morte”. (BARBOSA, 2004, p. 11).

O que desperta curiosidade na condução do espetáculo da morte é que a morte, em si, não é apresentada. São raros os casos em que a mídia exhibe imagens do falecido. Barbosa (2004, p. 01) faz uma observação importante ao lembrar “(...) que a imagem do morto é substituída pela imagem do seu cortejo e do público que dele participa”. Nota-se que a televisão, portanto, explora símbolos e outros elementos ligados à morte:

---

<sup>5</sup> Entendemos por morte cotidiana aquelas as quais a mídia confere pouco ou nenhum destaque.

explora a dor e a tristeza dos familiares e do público, as manifestações de carinho, mostra imagens do cortejo e do velório.

## **Os estudos culturais latino americanos**

Gize-se que para análise da recepção Caso Bernardo no Jornal Nacional, tomaremos como aporte teórico-metodológico a linha Latino-Americana dos Estudos Culturais. Os estudos latino americanos são uma vertente dos Estudos Culturais, sendo “(...) a corrente teórica mais influente junto às pesquisas de recepção (...) (BOAVENTURA; MARTINO, 2010, p. 03).

Consabido é que cada região possui hábitos e costumes que lhe são próprios, originando culturas diversificadas e únicas. Também variam no tempo e no espaço as relações de desigualdade no tocante à renda e ao acesso do ensino formal. Esse conjunto de fatores faz com que cada indivíduo ou grupo tenha uma percepção a respeito das informações que recebe, ou seja, a sua bagagem cultural está diretamente relacionada com as apropriações que produz das mensagens que recebe.

É a partir desta percepção que os estudos centrados na questão da cultura ganham força na América Latina e no Brasil, voltados para a percepção de que a cultura não existe na sua forma singular, pois se trata de uma realidade múltipla, na qual conhecimentos e valores sobrepõem-se e se entrelaçam, exigindo um olhar diferenciado para a sua compreensão. (TEMER, 2014, p. 151-152).

Infere-se, assim, que os estudos latino americanos visam trabalhar a recepção na perspectiva dos estudos culturais. Neste contexto, se destacam três autores principais: Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez. Estes pesquisadores da linha latino-americana focam seu trabalho nos estudos de recepção, considerando que o receptor também produz sentidos, que a comunicação não ocorre de modo unilateral. Ainda, observa-se que eles enfatizam o estudo da recepção comunicacional nas mediações, não mais nos meios e, neste viés, os temas comunicação e cultura tornam-se indissociáveis. Diante desta forma diferente de pensar, foi unânime entre os pesquisadores que a necessidade de alterar a metodologia de estudos, promovendo pesquisas qualitativas para aprofundar a discussão (BOAVENTURA; MARTINO, 2010).

Este trabalho está fundamentado no estudo das mediações proposto por Martín-Barbero. Sobre o conceito de mediação, não há um significado específico. Signates (1998) destaca que os pesquisadores dos estudos culturais não elaboraram uma definição técnica, apesar do frequente uso do termo “mediação” em seus trabalhos. “O próprio Martín-Barbero, em sua obra principal, *De los medios a las mediaciones* (1987), apesar de utilizá-lo no próprio título, não o define claramente, nem o historia. As contribuições nesse sentido são esparsas (...)” (SIGNATES, 1998, p.37).

Para tanto, Martín-Barbero (2013) sugere três lugares para a mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Sobre a temporalidade social, ele afirma que a sociedade é regida por dois tipos de tempo: o de trabalho (que gera riqueza) e o livre (de descanso, não gera lucros). A cotidianidade familiar diz respeito à família. São com as pessoas que lhe são próximas e convive diariamente que o sujeito busca amparo nas dificuldades e com quem compartilha as maiores alegrias. A competência cultural, ao seu turno, “(...) deve ser entendida como a bagagem cultural que o indivíduo carrega ao longo da vida, não somente focando na educação formal, mas englobando as experiências adquiridas ao longo da vida” (RIBEIRO; TUZZO, 2013, p. 04).

E uma das formas de proceder a este tipo de análise é através de estudos de recepção, em que é possível verificar “(...) o sentido que se produz a partir da experiência cotidiana com os meios”. (RONSINI, 2010, p. 02).

Diante desta proposta é que se faz o presente estudo: verificar como um grupo de jornalistas recepciona a morte, em especial no Caso Bernardo, nas transmissões feitas pelo Jornal Nacional; observar se apesar das diferentes bagagens culturais e sociais eles são capazes de questionar as notícias veiculadas e, em caso afirmativo, quais são esses questionamentos.

## **A recepção do JN no Caso Bernardo por jornalistas**

Como já dito acima, ao considerar o receptor como produtor de sentidos, os estudos de recepção são a principal ferramenta para verificar as manifestações da audiência sobre o que circula na mídia. Corrobora com este entendimento a lição de White (1994, p. 57) ao dizer que “a partir de meados dos anos 80, tem ocorrido um

movimento diferente, mais direcionado para as pesquisas que analisem os significados que as audiências efetivamente constroem sobre as mensagens da mídia”.

Para Martín-Barbero (2013), pesquisador cujas teorias embasam este trabalho, a observação da audiência é denominada de “mediação”. Para o autor, o foco de estudos deixa de ser os meios midiáticos e passa a ser o espectador, em virtude dos diversos entendimentos que ele pode criar sobre o fato noticiado.

Assim, para analisar a audiência que compõe o estudo, optou-se por aplicar um questionário semiestruturado e, após, fazer uma discussão de grupo a respeito da temática estudada. Manzini (1990/1991, p. 154) aduz que “na entrevista semiestruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador”.

Os questionamentos abordaram aspectos socioeconômico-culturais, a temática da religião e da morte, além de hábitos informativos e opinião acerca das duas matérias selecionadas veiculadas pelo Jornal Nacional.

Neste trabalho, optou-se por conduzir o estudo de recepção da seguinte forma: foram selecionados cinco jornalistas para compor o grupo. Aos escolhidos, foi apresentado o questionário e foram exibidas duas notícias selecionadas. Após, realizou-se um grupo de discussão com os participantes, a fim de promover e observar a troca de experiências.

No que diz respeito à escolha dos vídeos, esta ocorreu da seguinte forma: foram coletados todos os vídeos exibidos no Jornal Nacional sobre o Caso Bernardo no período de 17 de abril de 2014 até 04 de abril de 2015. Ao total, foram localizados 18 vídeos. Na seleção das duas notícias a serem mostradas aos entrevistados, optou-se pelo primeiro da série, que foi quando o caso tomou proporções nacionais, e pelo que noticia a conclusão do inquérito policial. Tendo em vista os objetivos do estudo, não foi selecionada nenhuma notícia que já tratava da etapa de julgamento.

Os vídeos selecionados tinham as seguintes manchetes: - “Pai, madrasta e uma amiga devem ser indiciados pela morte de menino no RS”, exibido em 17 de abril de 2014<sup>6</sup>; - “Pai, madrasta e uma amiga do casal são indiciados no assassinato do menino Bernardo”, exibido em 13 de maio de 2014<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/3289209/>>, acesso em 16 de novembro de 2015.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/3344060/>>, acesso em 16 de novembro de 2015.

Primeiro, foi entregue o questionário. Após, exibidos os dois vídeos e, então, procedeu-se ao debate em grupo. No grupo, formado por duas mulheres e por três homens, verificou-se que todos têm irmãos e que os pais tiveram acesso à educação, atingindo diferentes níveis. Além disso, observou-se que todos têm renda de, no mínimo um salário mínimo, possuindo televisão com TV a cabo, computador e acesso à internet.

Sobre aspectos culturais, a totalidade dos entrevistados lê, no mínimo, de dois a cinco livros por ano, frequenta cinema, shows, bares/danceterias e 3/5 participam de alguma entidade ou associação.

Em que pese todos terem declarado que receberam educação religiosa na infância, um dos pesquisados declarou ser ateu. Os demais indicaram a religião que seguiam ou apenas afirmaram acreditar em Deus. A respeito da morte, 60% do grupo crê em vida após a morte, sendo que um entrevistado admitiu ter medo da morte.

Os jornalistas afirmaram que assistem mais de 1h e 30min de televisão por dia. A totalidade do grupo declarou buscar na internet mais informações sobre fatos noticiados na televisão. Quando questionados sobre a influência que o telejornal exerce na opinião das pessoas, 80% dos entrevistados asseverou que dependendo do caso, pode haver ou não influência no jeito de pensar e/ou no estilo de vida.

Todos declararam que assistem ao Jornal Nacional e outros telejornais. Dentre as justificativas para acompanhar o Jornal Nacional foram citadas a curiosidade em observar o formato do jornal, para ver o quais notícias a população está consumindo e porque, apesar das falhas, é um bom informativo.

Todos sabem o que significa o princípio da presunção da inocência<sup>8</sup>, embora um deles não o conheça por este nome, apesar da ciência sobre o significado.

Antes de iniciar o debate em grupo, foi feita uma breve explanação sobre as etapas do inquérito: o inquérito policial é um procedimento administrativo preparatório da ação penal, o qual não possui contraditório, ou seja, não há possibilidade de os suspeitos apresentarem defesa. É conduzido pelo delegado, o qual tem prazo para sua conclusão. Uma vez finalizado, é encaminhado ao juiz, que repassa ao promotor. Cabe

---

<sup>8</sup> De acordo com este preceito, um indivíduo só pode ser considerado culpado quando a sentença condenatória transitar em julgado, ou seja, quando não houver mais possibilidade de recurso. A finalidade desta regra é evitar julgamentos equivocados e manter o respeito à dignidade da pessoa humana.

ao promotor decidir se arquivava o inquérito ou se oferece a denúncia, dando início à ação penal, aprofundando tudo o que já foi apurado no inquérito.

Sobre as notícias apresentadas aos pesquisados, o grupo foi unânime em afirmar que as reportagens incutem no telespectador a ideia de que os suspeitos já são, de fato, culpados. Justificam esse entendimento em função da expressão facial dos jornalistas, pela escolha e entonação de certas palavras, pela relação feita entre as imagens das provas e as fotos dos suspeitos e pela ênfase dada pela reportagem à fala da delegada.

O entrevistado 1 disse: “Acho que a primeira impressão é sempre essa, até pela maneira como eles falam”. O entrevistado 2, por sua vez destacou que: “Os cortes na fala da delegada me chamam muito a atenção. Fica bem nítido o que exatamente eles escolheram para por ali”.

Quando reforçada a pergunta sobre a falta de esclarecimentos de alguns termos, o entrevistado 1 respondeu que: “Na verdade eles presumem que todas as pessoas saibam como que funciona, mas na realidade não [sabem]”. O entrevistado 3 divergiu: “Não acho que exista uma falha [do jornalista] nessa matéria. Esse é o tipo de construção de quem cobre polícia. A fala oficial é do delegado e ela é incontestável a princípio”. Neste ponto, se observa uma divergência entre os entrevistados a respeito da responsabilidade social do jornalista: se ele deve auxiliar na construção da cidadania ou se deve agir apenas como um fiscal do poder e denunciar os problemas sociais que verificar. Nesse contexto, vale mencionar a ponderação feita pelo entrevistado 4 sobre o tema:

Isso não é nem tão culpa do jornalismo em si, as pessoas têm diferentes formações. Como explicar isso em todas as matérias? Isso é um problema de base, foge um pouco do nosso alcance [como jornalista]. Deveria ser uma educação básica, como saber nossos direitos e deveres. É complicado.

E o entrevistado 2 complementou: “Tem que ter cuidado para não ser didático demais e não tornar a matéria cansativa”.

Após, perguntou-se qual a opinião dos entrevistados sobre as matérias, de modo geral. O entrevistado 4 salientou que: “O Jornal Nacional procurou os advogados de defesa e só um se manifestou. Não ficou bem explicada a situação dos acusados”. O entrevistado 3, lembrou que:

Se ouve os advogados como forma de cumprir esse procedimento [de mostrar o outro lado da história]. Mas ele nunca vai ter o mesmo espaço. O que se quer fazer é mostrar uma resposta para as pessoas, que tem um culpado.

Ao longo do debate, o entrevistado 3 lembrou que: “Se usa muito a fala oficial, até para se proteger” e ponderou que o fato de a Delegada ter dito, em entrevista para a TV, que os suspeitos foram “frios” ao receberem a notícia da morte do garoto também é um elemento que desperta sentimentos no público, porque a mídia se baseia neste discurso para produzir a reportagem. Fica nítido, aqui, o uso do que Martín-Barbero (2013) definiu como mediação pela competência cultural, ou seja, o uso da sua educação formal e da sua vivência como jornalista profissional para formar sua opinião a respeito do questionamento proposto.

Diante das respostas proferidas, lançou-se o seguinte questionamento: vocês acham que há uma construção maniqueísta no jornal, do bem X mal?

Prontamente o entrevistado 3 afirmou:

Sim, eu acho que isso é uma cobrança social. A sociedade tem ânsia de ter um culpado. [A ânsia vem] de todos os níveis: de pessoas do cotidiano, da justiça, da polícia.... Existe uma pressão social em apresentar alguém [como culpado].

Depois, foi feita a seguinte ponderação: vocês acham que a TV está atuando como instrumento de vigilância ou de condenação? Lembrando que o jornalismo é, dentre outras coisas, um instrumento de vigilância social, o qual deve contribuir para a formação da cidadania.

Outra vez, o entrevistado 3 disse:

Acho que existe sempre aquela coisa das falhas, mas acho que é melhor ter com falhas do que não ter. Tem coisas muito polêmicas e essa cobertura policial é muito polêmica. Acaba criando um medo, mas também cumpre papel social na cobrança por maior segurança.

A entrevistada 1 afirmou que: “Na maioria das vezes eles [a mídia] estão corretos [em indicar alguém como suspeito e depois verificar que, de fato, era culpado].

Acho que são poucos os casos que nem o que aconteceu lá [no Caso Escola Base, ocorrido em São Paulo, em 1994]”.

Por fim, cumpre destacar a opinião do entrevistado 3 a respeito da influência da televisão na formação da opinião do público: “A TV condena e inocenta. Se ela não falar, o suspeito é considerado inocente”. O entrevistado 4, por seu turno, asseverou que: “Não tenho certeza... Não consigo chegar a uma conclusão, pois depende muito da matéria”.

## **Considerações finais**

A morte é um tema complexo cujo entendimento varia no tempo e no espaço, produzindo uma variedade interpretações decorrentes das distintas culturas, religiões e época histórica. Na sociedade ocidental atual, onde se insere o caso Bernardo, a morte não é enfrentada abertamente. Tal constatação pode ser obtida pela redução dos rituais de despedida do morto bem como pela negação do choro em público devido à necessidade de aproveitar ao máximo a vida.

Apesar disso, quando a morte é transformada em notícia, o enfrentamento da finitude humana é diverso. Isso porque os meios de comunicação se tornaram um canal para o extravasamento dessa morte contida. Na busca por audiência e lucro, as mídias comerciais, em especial a televisão, são convertidos em palco para o extravasamento dos sentimentos e das emoções. Assim, é através dos meios de comunicação que a morte adentra na casa dos espectadores, inclusive daqueles que negam a morte. Na cena televisiva, os rituais diante da finitude humana se dão de forma teatral e espetacularizada. Os detalhes são encenados e os casos, muitas vezes, são mostrados de forma de novela.

No contexto capitalista, o lucro acaba sendo buscado de forma incessante. Logo, as produções jornalísticas adotam um viés de espetáculo nas coberturas a respeito da morte, corroborando com tese lançada por Guy Debord (1997) de “Sociedade do Espetáculo”. Com isso, não raro, observa-se um jornalismo tendencioso. O Caso Bernardo, tal como apresentado pelo Jornal Nacional, se amolda às ideias acima expostas. E tal situação restou evidenciada pelo estudo de recepção realizado. Foi unânime a opinião de que as matérias selecionadas apresentam ao telespectador a ideia

de culpa em definitivo dos suspeitos. Como já destacado, as reportagens escolhidas diziam respeito à etapa de inquérito policial, quando sequer existia um processo judicial, muito menos havia ocorrido julgamento. Ainda assim, o informativo já entregou uma conclusão pronta ao espectador: as pessoas que a polícia aponta como suspeitos são, realmente, culpadas.

O entendimento de que o formato das notícias do telejornal está equivocado também é unânime. Porém, não houve consenso a respeito de quem seria esta culpa: se do próprio jornalista ou se do sistema social vigente, que sofre grande influência do capitalismo e não investe em educação formal de qualidade.

Cabe ressaltar que este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla – que envolveu advogados e jornalistas. É de destacar, ainda, que os profissionais da área do Direito também apontaram que as reportagens analisadas durante o estudo apresentam ao público a ideia de culpa dos suspeitos. O grupo de advogados também apontou a presença da espetacularização nas reportagens.

Diante do exposto, é evidente que a comunicação precisa ser repensada, principalmente considerando o fato do grande poder de influência que ela exerce no telespectador. Isso também demonstra a importância e a complexidade que o telejornal tem no cotidiano social.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, Marialva Carlos. **A morte imaginada**. In: Encontro anual da associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação, 2004, São Bernardo do Campo. *Anais*. São Bernardo: Compós, 2004.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski; MARTINO, Luiz Claudio. **Estudos culturais latino-americanos: convergências, divergências e críticas**. Porto Alegre: Intexto, v. 1, n. 22, p. 3-19, jan./jun., 2010.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Programa e público brasileiros: a trajetória do Jornal Nacional nas vozes de seus personagens**. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2008, Niterói. *Anais*. Niterói, 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da Ditadura Militar. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 17, p. 5-14, 2010.

LISITA, Enzo de. **A morte servida na hora do almoço**: O papel da televisão na banalização da morte e a desvalorização da vida. In: III ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E CIDADANIA, 2009, Goiânia. *Anais*. 2009, p. 1-11.

MAIA, Wander Veroni. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record**: Uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede. 2007. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/maia-wander-edicao-jornal-nacional-jornal-record.pdf>>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

MAIA, Alice Silva Corrêa. **O telejornalismo no Brasil na atualidade**: em busca do telespectador. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2011, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Intercom Sudeste, 2011.

MANZINI, Eduardo J. “A entrevista na pesquisa social”. São Paulo: Didática, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

Memória Globo. **Jornal Nacional**: notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La Perspectiva Cualitativa. In: \_\_\_\_\_. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. 1997. p.67-93. <<https://casamdp.files.wordpress.com/2013/08/orozco-cap-iv.pdf>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REDÜ, Natália Sheikha; NEGRINI, Michele. A Morte Como Laço Social: Reflexões Sobre A Cobertura De Zero Hora Ao Aniversário Da Morte De Bernardo Boldrini. In: XXXVIII Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 2015, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Intercom 2015

RIBEIRO, Luiza Carla; TUZZO, Simone Antoniaci. Jesus Martín Barbero e seus estudos de mediação na telenovela. *Revista Comunicação & Informação*, Goiás, v. 16, n. 2, p. 39-49, jul./dez. 2013.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda., 1983.

RONSINI, Veneza Mayora. *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero* (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: XIX Congresso nacional dos programas de pós-graduação em comunicação, 2010, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Compós, 2010.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. *Novos Olhares*, São Paulo, n. 2, p. 37-49, 2º Semestre de 1998.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. A Tradição dos Estudos Culturais na Perspectiva das Contribuições Latino-americanas. In: *Novos Olhares*, São Paulo, Vol.3, n. 2, 2º Semestre de 2014.

WHITE, Robert A. **Recepção**: a abordagem dos estudos culturais. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 4, n.12, p.57-76, mai./ago. 1998.